

Bildungsroman e Bildungsreisen:
As ilhas burguesas de Goethe e Daniel Defoe

Bildungsroman and Bildungsreisen:
Goethe and Daniel Defoe's bourgeois islands

Renato Barros de Castro¹

Resumo: A emancipação do indivíduo (e, mais precisamente de um tipo específico de indivíduo, a saber, o “burguês”) é o principal ponto de convergência entre duas obras da literatura europeia setecentista (seja insular, britânica, seja continental, alemã). São elas: *Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe, e *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795-1796), de Johann Wolfgang von Goethe. Em seu cerne, ambas enfocam a formação do indivíduo por meio do deslocamento geográfico, dizendo respeito não apenas a um processo de desenvolvimento pessoal, interno, mas também a uma dimensão sócio-cultural mais ampla, englobando os avanços da industrialização e as aspirações da sociedade de seu tempo. Juntos, o romance de formação ou “pedagógico” (*Bildungsroman*), bem como a viagem de formação (*Bildungsreisen*) se entrecruzam em um ponto onde o sujeito burguês busca se afirmar em uma sociedade cada vez mais competitiva, desigual, em que o indivíduo precisa descobrir a si mesmo (saindo de seu meio, ressaltando-se), na busca do alcance de uma formação pessoal – seja para se coadunar com o que a nova sociedade industrial em ascensão espera dele ou para conseguir se opor aos valores dela. Tal tensão, no caso de Goethe, é evidenciada por meio da oposição do protagonista, Wilhelm (o burguês que busca seguir as próprias aptidões, independentemente do desejo de acúmulo de bens, apoiando-se em uma “ilha humanista” representada por uma sociedade secreta) ou o personagem Werner, o tipo burguês que busca de modo exclusivo o lucro em tudo o que faz. Em suma, tem-se um representante da chamada *Bildungsbürgertum* (burguesia da cultura) e outro da *Besitzbürgertum* (burguesia da propriedade), respectivamente. Este último, a propósito, tem suas raízes literárias na figura de Crusoe, cuja popularidade perdura até os dias de hoje. Desse modo, este trabalho busca apresentar de que modo as transformações sociais ocorridas no século XVIII impactaram na tradição literária, representada por meio de dois nomes exponenciais da narrativa de ficção envolvendo formação individual e deslocamento geográfico, contribuindo para uma discussão a respeito do individualismo econômico. Para tanto, buscou-se o aporte teórico de autores como Franco Moretti (2014), Benedict Anderson (2008), Walter Benjamin (2012), Georg Lukács (2009), Thomas Mann (2011) e Ian Watt (2010), que aponta a referida obra de Defoe como responsável por iniciar a tradição do romance como gênero.

Palavras-chave: Goethe; Daniel Defoe; Indivíduo burguês; *Bildungsroman*; *Bildungsreisen*.

Abstract: The emancipation of the individual (and, more precisely, a specific type of individual, the “bourgeois”) is the main point of convergence between two works of European literature from the eighteenth century (insular, British, or continental, German). They are: *Robinson Crusoe* (1719), by Daniel Defoe, and *Wilhelm Meister's Apprenticeship* (1795-1796), by Johann

¹ Doutorando em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Renatobdecastro@gmail.com.

Wolfgang von Goethe. At their core, both of them have focus on the formation of the individual through geographical displacement, referring not only to a process of personal development, internal, but also to a broader socio-cultural dimension, encompassing the advances of industrialization and the aspirations of the society of their time. Together, the novel with an educational or pedagogical purpose for its character (*Bildungsroman*), as well as the journey of formation (*Bildungsreisen*) intersect at a point where the bourgeois subject seeks to assert himself in an increasingly competitive, unequal society, in which the individual needs to discover himself (leaving his environment, it should be noted), in the quest for personal formation – either to fit in with what the new industrial society on the rise expects of him or to succeed in opposing its values. This tension in Goethe's case is evidenced by the opposition of the protagonist, Wilhelm (the bourgeois who seeks to follow his own aptitudes, regardless of the desire to accumulate goods, relying on a “humanist island” represented by a secret society) or the character Werner, the bourgeois type who seeks profit exclusively in everything he does. In short, there is a representative of the named *Bildungsbürgertum* (bourgeoisie of culture) and another linked to the *Besitzbürgertum* (bourgeoisie of property), respectively. The latter, by the way, has its literary roots in the figure of Crusoe, whose popularity remains until present times. Thus, this work seeks to present how the social transformations of the 18th century impacted on literary tradition, represented by two exponential names in the fiction narrative involving individual formation and geographical displacement, contributing to a discussion about economic individualism. For that, this work is based on authors as Franco Moretti (2014), Benedict Anderson (2008), Walter Benjamin (2012), Georg Lukács (2009), Thomas Mann (2011) and Ian Watt (2010), who believes that Defoe's work is responsible for starting the tradition of romance as a literary genre.

Keywords: Goethe; Daniel Defoe; bourgeois individual; *Bildungsroman*; *Bildungsreisen*.

Introdução

Publicada entre os anos de 1795 e 1796, e mesmo a despeito de também estar ligada à estética clássica, a obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* destaca já em seu título ecos do Pré-romantismo alemão, com uma referência ao autor considerado pelos primeiros românticos como o representante de uma nova era para a literatura: *Wilhelm* é a forma alemã de “William”, prenome de Shakespeare, enquanto *Meister* refere-se à palavra “mestre” (ou, no mínimo, o aspirante a mestre²).

O título da obra faz, assim, referência ao “Mestre Shakespeare”, que, não à toa, simbolizava para os escritores que fizeram parte do *Sturm und Drang* (como Goethe) a liberdade expressiva em oposição às regras e formalidades da estética clássica, a libertação de modelos pré-definidos.

² No enredo, os personagens muitas vezes sequer possuem nome ou sobrenome. “Meister” foi a alcunha dada ao protagonista pela integrante de uma trupe da qual ele passaria a fazer parte.

Encarado como um verdadeiro “professor da humanidade”, William Shakespeare (1564-1616) é, portanto, o modelo para a “missão teatral” do Wilhelm goethiano: percorrendo um território que coincide com o da Alemanha de seu tempo, o personagem entra em contato com as obras do autor inglês e, entre aventuras amorosas e contradições internas, dirige todos os seus esforços para representar a figura de Hamlet no palco, o que o levará à descoberta de uma sociedade secreta cujas maquinações (com interferências diretas em sua vida) pretendiam fazê-lo evoluir espiritualmente.

Mesmo assim, a felicidade é encontrada por Wilhelm: não exatamente nos palcos, mas em um espaço “utópico” onde convive com uma sociedade instituída por altas aspirações morais, conduzindo ao casamento com a celestial Natalie, ou seja, o amor é o prêmio concedido ao final de seu aprendizado. – Ante tal trama, em um romance que não é considerado realista, Wilhelm acaba se tornando, de um modo ou de outro, protagonista daquele que viria a ser considerado como o mais paradigmático *Bildungsroman* da literatura ocidental, criando o romance moderno alemão.

Empregado pela primeira vez em 1810 na conferência *Sobre o espírito e a relação de uma série de romances filosóficos*, de Karl Morgenstern (1770-1852), o termo *Bildungsroman*, a propósito, passou a ser associado desde cedo nos estudos literários como um gênero típico da literatura alemã. Tal opinião é corroborada por nomes como Carpeaux (2013, p. 33), que o define como “histórias de jovens que passam pelas experiências da vida para conquistar a independência do foro íntimo”, e Marcus Vinicius Mazzari (2009, p. 7), que aponta o gênero como “a mais importante contribuição alemã à história do romance ocidental”, inaugurada, a seu ver, exatamente por Goethe em *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795-1796). Conforme esclarece:

Com meios estéticos até então inéditos na literatura alemã, Goethe empreendeu a primeira grande tentativa de retratar e discutir a sociedade de seu tempo de maneira global, colocando no centro do romance a questão da *formação* do indivíduo, do desenvolvimento de suas potencialidades sob condições históricas concretas. (MAZZARI, 2009, p. 7-8)

Mesmo considerado por muitos como o iniciador do chamado “romance de formação”³ com *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, porém, não se pode deixar de considerar que Goethe foi precedido mesmo em seu país por autores que abriram caminho para a consolidação de toda uma tradição, que encontrou na Alemanha o terreno mais propício para se estabelecer.

A ideia do desenvolvimento gradativo de uma personalidade (isto é, a busca pelo equilíbrio individual a partir de uma busca autônoma e solitária) está contida desde trabalhos como o épico *Parzival* (do século XIII), de Wolfram von Eschenbach (1170-1220), à *História de Agathon* (1766), de Christoph Martin Wieland (1733-1813), passando pelo *Abenteuerlicher Simplicius Simplicissimus* (O aventureiro Simplicio Simplicíssimo, c. 1669) de Hans Jakob Christoffel von Grimmelshausen (1621-1676), similar ao romance picaresco espanhol.

Em todas, nota-se a evolução gradativa de seus protagonistas, representada, na primeira, pela busca do Santo Graal; na segunda, pelo percurso de um jovem que, após abandonar a religião, abraça a vida dos prazeres mundanos, atingindo o equilíbrio individual ao experimentar ambos os caminhos; e, na última, pelo desenvolvimento da personalidade de um soldado ingênuo que, após enfrentar todas as vicissitudes do caminho, encontra a “boa vida” no isolamento social, ao final da história.

Em nenhuma dessas obras, no entanto, delineia-se com tanta clareza a ideia da formação individual como elemento motivador da trama como em *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (*Wilhelm Meisters Lehrjahre*/1796), apontado pelos críticos como central nesse modelo literário, e que integra, também, uma trilogia, juntamente com a inacabada *A missão teatral de Wilhelm Meister* (*Wilhelm Meisters theatralische Sendung*/1777), que lhe servira de modelo, e *Os anos de viagem de Wilhelm Meister* (*Wilhelm Meisters Wanderjahre*/1821).

Consolidando o “romance de formação” na Alemanha, *Wilhelm Meister* abriu caminho para muitas obras que se tornariam célebres no gênero, como o inacabado *Heinrich von Ofterdingen* (1802), de Novalis (1772-1801), pseudônimo de Georg Philipp Friedrich von Hardenberg; o realista *Henrique, o verde* (*Der grüne Heinrich*/1855), de Gottfried Keller (1819-1890); *Veranico* (*Der Nachsommer*/1857) e *Witiko* (1865-67), de Adalbert Stifter (1805-1868), e, ainda, *A montanha mágica*

³ Também chamado de “romance de educação” pelo pensador Georg Lukács na obra *Teoria do romance* (1962).

(1924), de Thomas Mann (1875-1955), dentre muitos. De todo modo, ao publicar um dos mais relevantes *Bildungsromane* da literatura ocidental, ressalte-se, Goethe já havia realizado sua *Bildungsreisen*, ou seja, sua “viagem de formação” à Itália: no cerne de ambos está, mais do que a formação, a afirmação do indivíduo, e, mais precisamente, de um determinado tipo de indivíduo, a saber, o “burguês”.

Tal formação, como se verá, tem sua base em um romance inglês lido e discutido até hoje, cujo protagonista foi lançado à própria sorte em uma ilha deserta, onde tem a oportunidade de descobrir não apenas a si mesmo, mas as aspirações da sociedade de seu tempo, em que a figura burguesa está em franca ascensão, na esteira da rápida evolução do capitalismo.

Formação e afirmação do indivíduo “burguês”

Na obra *Goethe*, o crítico Pietro Citati (1996, p. 44) se refere ao personagem Wilhelm Meister como “o ingênuo Hamlet burguês”, um inseguro e contraditório jovem que descende de uma família abastada, como o autor, mas prefere seguir o caminho da fantasia (a paixão pelo teatro, despertada na infância por um espetáculo de marionetes) em detrimento das possíveis vantagens do mundo comercial em que atuava sua família.

Tais inclinações são reforçadas ainda mais em oposição à figura do cunhado (Werner, responsável por dirigir a empresa de seu pai), que tenta atraí-lo para o mundo dos negócios com as seguintes alegações, no momento em que o interlocutor se prepara para partir:

Se um dia vieres a tomar verdadeiro gosto por nossos negócios, ficarás convencido de que muitas faculdades do espírito também encontram neles seu livre jogo. [...] Não te falta senão o espetáculo de uma grande atividade para que venhas juntar-te definitivamente a nós [...]. Que ocupação agradável e engenhosa é esta de conhecer tudo aquilo que de momento mais se procura e que, entretanto, ou está em falta ou é de difícil aquisição; saber rápida e prontamente o que todos desejam, abastecer-se providentemente e tirar proveito de cada instante desta vasta circulação! (GOETHE, 2009, p. 54)

Ante o argumento, Wilhelm continua decidido quanto à resolução de deixar a casa paterna e seguir suas próprias inclinações, pouco convencido de que o mundo dos negócios possuísse tantos atrativos ou lhe concedesse a formação de que precisava.

Como iria avaliar mais tarde, todo esse embate dizia respeito a *ser* em oposição a *ter*, conflito a despertar, no leitor de hoje, a observação de uma das grandes contradições expostas na trama, em que se evidencia tanto a formação do indivíduo burguês quanto a crítica a este. Isto fica aparente, por exemplo, no trecho da carta em que o protagonista rebate Werner – sempre tentando convencer o interlocutor da felicidade promovida pelo capital –, no qual expõe as ideias a seguir [grifo meu]:

De que me serve fabricar um bom ferro, se meu próprio interior está cheio de escórias? E de que me serve também colocar em ordem uma propriedade rural, se comigo mesmo me desavim? Para dizer-te em uma palavra: instruir-me a mim mesmo, tal como sou, tem sido obscuramente meu desejo e minha intenção, desde a infância. [...] Fosse eu um nobre e bem depressa estaria suprimida nossa desavença; mas, *como nada mais sou do que um burguês, devo seguir um caminho próprio*, e espero que venhas a me compreender. (GOETHE, 2009, p. 284)

Desse modo, o protagonista continua a delinear as diferenças entre o nobre e o burguês (*Bürger*), o que acaba por evidenciar as diferenças internas concernentes a esse último tipo: de um lado, o burguês que busca somente o lucro (como Werner) e, de outro, o burguês que busca seguir as próprias aptidões (como Wilhelm), e que não necessariamente é determinado pelo desejo de acúmulo de bens. Em suma, tem-se um representante da chamada *Besitzbürgertum* (burguesia da propriedade) e da *Bildungsbürgertum* (burguesia da cultura), respectivamente.

O conceito *Bürger*, ressalte-se, tem uma importância central na história cultural alemã, e seu significado – instável temporalmente – possui os mais diversos matizes, englobando tanto a ideia de “burguês” quanto, por exemplo, a de “cidadão” ou a de “conservador”. No ensaio *Goethe como representante da era burguesa*, Thomas Mann (2011, p. 71), autor que também viveu os conflitos de Goethe entre o estilo de vida artístico e as prioridades de seu meio (a burguesia), chega ao ponto de afirmar que a “dignidade burguesa como pátria do humanismo, a grandeza mundial como filha da burguesia – em nenhum outro lugar esse destino, em que se mesclam a origem e o desenvolvimento mais ousado, está tão em casa quanto em nós (alemães)”.

Ao mesmo tempo em que afirma ser *apenas um burguês*, Wilhelm, para formar-se como indivíduo, precisa afastar-se do que é ser burguês – aqui entendido como o indivíduo que tudo faz com objetivos utilitários em detrimento de suas aptidões pessoais:

Ao burguês nada se ajusta melhor que o puro e plácido sentimento do limite que lhe está traçado. Não lhe cabe perguntar: “Que és tu”?, e sim: “Que tens tu? Que juízo, que conhecimento, que aptidão, que fortuna?”. Enquanto o nobre tudo dá só com a apresentação de sua pessoa, o burguês nada dá nem pode dar com sua personalidade. (GOETHE, 2009, p. 285)

O nobre, para Wilhelm, já é “formado”, enquanto o burguês nada tem a oferecer: ante todas as limitações, precisa se formar a fim de tornar-se o que é. De acordo com Lukács (2009, p. 585), a crítica social de Goethe, por motivos como esse, “não se dirige somente contra a divisão capitalista de trabalho, mas também contra o estreitamento, contra a deformação do ser humano pelo aprisionamento no ser e na consciência da classe social”.

Assim, uma vez lançado à sua busca inicial pelas estradas da Alemanha com muita determinação, o protagonista da saga, porém, não parece dispor de todo o arbítrio que pode parecer a uma primeira vista: como se descobrirá adiante na trama dos *Anos de aprendizado*, ele está entregue a todo tipo de manipulação (tal as marionetes que lhe inspiraram na infância), por parte de uma estranha sociedade secreta, nem sempre escrupulosa, que interfere em seu destino com o objetivo de ensinar-lhe a progredir.

Trata-se da “Sociedade da Torre”, cujos membros se ocupam de escrever em pergaminhos “os anos de aprendizado” das pessoas que decidem vigiar. Ou seja: são biógrafos não apenas por escreverem a vida de seus eleitos, mas também por interferir diretamente em suas vidas. Este não é, porém, o único paradoxo referente à formação do protagonista, como sugere Citati (1996, p. 54), para quem Wilhelm também poderia ser considerado já “pronto” como indivíduo desde que pegara a estrada:

Que necessidade teria de fazer “experiências”? Wilhelm Meister possui a mesma qualidade dos grandes artistas, que trazem ocultos dentro de si, quase por antecipação, todos os elementos do mundo visível, de modo que já conheceram e viveram em pressentimento as coisas reais que se oferecem ao seu olhar.

Apesar de todas essas qualidades, Wilhelm, pusilânime e inseguro (como Hamlet), precisa do contato com as experiências alheias, e seu senso pouco prático não

lhe permite aproveitar a vida com as vantagens de sua sensibilidade; inclina-se quase sempre para o devaneio e a fantasia, mergulhando não raro em aventuras que o conduzem à decepção, sem, entretanto, impedi-lo de continuar suas buscas por um mundo ideal, o mundo da arte, percorrendo as estradas do interior da Alemanha junto a uma trupe de atores não muito talentosos, com quem muito aprende e também ensina. Na companhia deles, conhecerá não apenas pobres estalagens e sóbrios teatros do interior, mas também os castelos dos nobres e aristocratas, a quem atribui ingenuamente qualidades superiores.

Se elas são abandonadas em um primeiro momento – quando a trupe é maltratada pelos nobres que a acolhem –, são retomadas em uma segunda experiência, ocasião em que o protagonista se hospeda no castelo de Lothario, figura que parece sintetizar a simpatia de Goethe pelo mundo aristocrático, o qual, na Alemanha, ainda encontrava-se muito mais estável e protegido do que no país vizinho, à sombra da revolução de 1789.

Nesta propriedade elegante e segura, Wilhelm parece bastante confortável em se ver novamente diante de um ambiente similar ao que tinha abandonado a fim de começar suas deambulações. Providencialmente, é ali que inicia o contato com o filho que tivera com a jovem atriz Mariane, Felix, a quem também passa a educar, ao mesmo tempo em que desenvolve sua própria formação, também a cargo dos aristocratas que estão lhe acolhendo – a “Sociedade da Torre” –, à qual ele é integrado em solenidade oficial.

Desse modo, o protagonista inicia-se nos mistérios de sua metodologia pedagógica, e que diz respeito não a preservar os homens⁴ do erro, mas sim orientar aquele que erra, permitindo-lhe que “sorva de taças repletas o seu erro” (GOETHE, 2009, p. 470) até esgotá-lo por completo, reconhecendo-o como erro⁵. Em outras palavras: o indivíduo deve descobrir (ou reconhecer) seu caminho por meio de seus próprios erros.

Wilhelm recebe, assim, uma “Carta de Aprendizado”, na qual se afirma ser a arte um domínio que não pode ser ensinado por inteiro, mas apenas em parte, embora

⁴ Não se refere a toda a humanidade, mas apenas àquelas pessoas que foram escolhidas pela “Sociedade da Torre”.

⁵ No romance *O encontro marcado*, que narra a formação de um personagem que pretende ser escritor, Fernando Sabino iria elaborar uma ideia muito semelhante, ao afirmar que a arte é uma maneira de atingir o bem negativamente, esgotando os caminhos do mal.

o artista necessite; se as palavras são boas, porém, o melhor não se manifesta por meio delas: “O melhor não se manifesta em palavras. O espírito, pelo qual agimos, é o que há de mais elevado. (...) O ensinamento do verdadeiro artista abre o espírito, pois onde faltam as palavras, fala a ação” (GOETHE, 2009, p. 472). Assim, nota-se a sobreposição do agir em relação às pretensões do fazer artístico ligado puramente à vaidade humana: “Quem só atua por símbolos é um pedante, um hipócrita ou um embusteiro” (GOETHE, 2009, p. 472). – Aprender requer, pois, a afirmação do indivíduo, desenvolvida por meio de uma ética ligada à ação, a fim de se alcançar, pois, a “boa vida”. O narrador, afinal, como ressalta Benjamin (2012, p. 50), “é a forma na qual o justo se encontra a si próprio”.

A despeito do exposto, não se pode deixar de notar que a trama de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* se revela bastante idealista, como o mesmo personagem que lhe dá título: afinal, que tipo de indivíduo teria condições de obter alguma formação na Alemanha do século XVIII? Mesmo no universo irrealista da trama, onde indivíduos são escolhidos por uma sociedade secreta desejosa de reformar o mundo, e que os acolhe de bom grado em vastas propriedades, a maior parte da humanidade fica excluída de tanta benevolência. Ou, no mínimo, são sacrificados para a plena realização do destino de Wilhelm, como Mignon – quase uma criada de Meister – e o harpista Augustin, que corre as estradas alemãs como trovador e mendigo, até se suicidar no final do enredo.

Como resposta à indagação, estaria possivelmente o mesmo indivíduo que deixa a segurança de um rico lar a fim de lançar-se à aventura nas estradas do país até conseguir reencontrar outro ambiente similar ao de suas origens, em que possa desenvolver suas reflexões com o apoio de nobres (a quem julga superiores) ou daqueles a quem toma por seus pares: em suma, o indivíduo “burguês”, representado por ninguém menos que Wilhelm Meister.

Homo economicus: ilha humanista, continente capitalista

Para Lukács (2009), todo o idealismo de Goethe em *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* não diz respeito apenas a uma fuga da realidade, mas à consciência do autor de que os ideais humanistas são produtos necessários ao desenvolvimento social. De acordo com o crítico, o autor alemão cria, na verdade, uma “ilha” dentro da sociedade burguesa, a fim de expor um “embrião” da progressiva transformação dessa

mesma sociedade, o que se dá por meio de um grupo empenhado ativamente nessa construção – no caso, a “Sociedade da Torre” do qual o protagonista, após sucessivas “provas”, passa a fazer parte.

Apesar de todas as aspirações humanistas, no entanto, também não se pode deixar de mencionar que o empenho deste grupo tinha implicações econômicas, como fica claro ao final da obra, quando o personagem Jarno, um dos representantes da sociedade, convida Wilhelm Meister a partir consigo para os Estados Unidos⁶. Para tanto, Jarno se serve de argumentos não muito diferentes daqueles com que Werner, no início da trama, tentara dissuadir Wilhelm de realizar sua “missão teatral” e atraí-lo ao mundo dos negócios:

É preciso conhecer um pouco dos negócios do mundo para perceber que nos esperam grandes transformações e que as propriedades não estão mais seguras quase em parte alguma. [...] Nos dias de hoje, nada é menos aconselhável que ter uma propriedade num só lugar, que confiar seu dinheiro a uma só praça; mas é igualmente difícil mantê-los [os escolhidos pela sociedade] sob vigilância em muitos lugares, daí porque concebemos algo diferente: de nossa velha torre há de sair uma sociedade que se espalhará por todas as partes do mundo, e na qual de todas as partes do mundo se poderá entrar. (GOETHE, 2009, p. 535)

Desse modo, é possível notar que a “ilha de Goethe”, representada pela “Sociedade da Torre” – igualmente uma associação econômica –, assim como o desenvolvimento do “romance de formação”, acompanha a ascensão da figura burguesa, que está no cerne da própria eclosão do romance como o principal gênero de difusão da literatura na Europa, a partir do século XVIII. No caso das letras germânicas, como atesta Mazzari (2009, p. 8), Goethe foi o responsável por fazer “com que a obra paradigmática do *Bildungsroman* avultasse também como a primeira manifestação alemã realmente significativa do ‘romance social burguês’, na época já amplamente desenvolvido na Inglaterra e na França”.

⁶ O protagonista, como é próprio a seu caráter, irá hesitar, justificando que a preocupação com as propriedades torna os homens hipocondríacos (como ocorreu a Werner). No entanto, Werner é exatamente a pessoa a quem irá solicitar os recursos necessários para realizar esse empreendimento (a viagem aos Estados Unidos), que só irá se concretizar na parte seguinte da obra, ou seja, em *Os anos de viagem de Wilhelm Meister*, uma vez que *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* será arrematado pelo casamento do protagonista.

Com efeito, na obra *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*, Ian Watt (2010) tece uma série de considerações sobre aquele que – acompanhado do realismo que lhe é intrínseco⁷ – se consolidou como gênero a partir da Inglaterra setecentista, que, diferentemente da França, já havia deixado de dirigir sua cultura literária prioritariamente para a corte. Para tanto, Watt (2010) se apoia em fatores diversos, como o surgimento da classe média (atrelado à ampliação do público leitor e a proliferação das “bibliotecas circulantes”), a especialização do trabalho, a consolidação do individualismo econômico (o capitalismo), as mudanças relativas ao papel feminino (no sentido de as mulheres passarem a dispor de mais tempo de leitura com os avanços tecnológicos promovidos pela sociedade industrial) e o avanço da secularização, dentre outros.

Ante tal contexto, *Robinson Crusoé* (1719), do inglês Daniel Defoe (1660-1731), é apontado pelo crítico como o iniciador da tradição do romance devido à particularidade de conseguir focar as atividades cotidianas de uma pessoa comum, ainda que não totalmente por meio de uma perspectiva secularizada (WATT, 2010, p. 78). – A narrativa, a propósito, foi possivelmente inspirada em uma história real, a do marinheiro escocês e corsário Alexander Selkirk (1676-1721), lançado à própria sorte em uma ilha na costa do Oceano Pacífico (Más a Tierra, atualmente Ilha Robinson Crusoé) após o desentendimento com o capitão de seu navio⁸.

Protagonizado por um personagem que representava o individualismo e, ainda mais precisamente, o individualismo econômico, o romance respondia às aspirações do novo público leitor (a classe média) pela reunião de informação e conhecimento em uma leitura fácil, quase didática, assim como tantos romances que lhe sucederam, como *Pamela* (1740), *Clarissa* (1748), ou *Tom Jones* (1749)⁹.

⁷ Realismo formal, entendido como “a premissa, ou convenção básica, de que o romance constitui um relato completo e autêntico da experiência humana, e, portanto, tem a obrigação de fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes envolvidos, os particulares das épocas e locais de suas ações – detalhes que são apresentados através de um emprego da linguagem muito mais referencial do que é comum em outras formas literárias” (WATT, 2010, p. 34).

⁸ Defoe iria ambientar sua trama, entretanto, no Caribe. No mesmo ano da publicação da obra, 1719, e por conta de seu sucesso imediato, ele também iria lançar a continuação de sua narrativa, com o retorno do protagonista à ilha onde viveu suas desventuras iniciais e a realização de novos deslocamentos geográficos, com viagens até a países como a China (como Marco Polo) e a Rússia.

⁹ Note-se, já nos títulos, a importância dada ao indivíduo. Quanto a Defoe, seu protagonista com nome e sobrenome é também um indicativo ao leitor de se estar diante de uma

As longas explicações e digressões em obras como essas, note-se, tinham não só o objetivo de aproximar do universo de suas histórias o “novo” leitor, como também obter vantagens econômicas para o próprio autor, uma vez que este passava a ser remunerado não mais pela figura de um mecenas, mas por livreiros e jornais. Ou seja: embora tantas vezes idealizada ainda hoje, a figura do escritor, naturalmente, também não fugia aos mecanismos de seu tempo, marcado pela ascensão do *homo economicus* (“homem econômico”) que o protagonista de Defoe consegue, como poucos, encarnar.

Na obra *Comunidades imaginadas*, Anderson (2008, p. 70) menciona oportunamente a expressão “capitalismo editorial”, que, a seu ver, “permitiu que as pessoas, em números sempre maiores, viessem a pensar sobre si mesmas e a se relacionar com as demais de maneira radicalmente novas”. Anderson (2008, p. 55) ressalta que o romance e o jornal foram as duas formas de criação imaginária que floresceram na Europa durante o século XVIII, proporcionando “meios técnicos para ‘representar’ o tipo de comunidade imaginada correspondente à nação”. Para o autor, os fatores que permitiram pensar ou imaginar as novas comunidades foram, igualmente, três elementos: capitalismo, imprensa e diversidade linguística. Conforme esclarece:

O que tornou possível imaginar as novas comunidades, num sentido positivo, foi uma interação mais ou menos casual, porém explosiva, entre um modo de produção e de relações de produção (o capitalismo), uma tecnologia de comunicação (a imprensa) e a fatalidade da diversidade linguística humana [fatalidade que estaria ligada, para o autor, ao fato de inexistir a possibilidade de uma unificação linguística geral da humanidade]. (ANDERSON, 2008, p. 78)

O alinhamento de *Robinson Crusoé* às aspirações de seu tempo, a propósito, é um dos motivos do seu sucesso instantâneo e, como se constataria, duradouro. (O título do livro chegaria até mesmo ao campo da criação lexical por ninguém menos que Arthur Rimbaud, responsável por cunhar o verbo *Robinsonner*, que, como aponta Coverley (2014), significa “deixar a mente vagar – ou viajar mentalmente”).

Na obra *O burguês: entre a história e a literatura*, Franco Moretti (2014, p. 21) também destaca um ponto importante para a compreensão do contexto histórico em que

personalidade individualizada, muito mais do que um mero tipo. Já em *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, muitos personagens não possuem nomes ou sobrenome, sendo o próprio protagonista alguém que possui uma alcunha, “Meister” (“Mestre”), como referido anteriormente.

o livro foi produzido, e que diz respeito à construção histórica da figura burguesa como ligada ao campo do anonimato, do incógnito. Isto acabaria por camuflá-la convenientemente sob o rótulo genérico de “classe média”, conforme esclarece:

Embora “classe média” e “burguesia” denotassem exatamente a mesma realidade social, criavam em torno dela associações muito diversas: uma vez situada “no meio”, a burguesia podia se afigurar como um segmento particularmente subalterno e não podia ser responsabilizada pelo estado das coisas. [...] E assim, a longo prazo, o horizonte simbólico gerado pela “classe média” funcionou extremamente bem para a burguesia inglesa [...], [e] posteriormente a protegeu de críticas diretas, promovendo uma versão eufemística da hierarquia social.

Em *Robinson Crusoé*, o motivo desencadeador da trama, não à toa, é exatamente o desejo de o protagonista ultrapassar a sua “condição mediana”, ou seja, seu pertencimento à classe média, para aventurar-se no âmbito do empreendedorismo, envolvendo-se assim com os negócios ultramarinos mesmo a despeito das advertências de seu pai de não cruzar a fronteira da “camada superior dos homens inferiores, que ele [o pai de Crusoé] descobrira por longa experiência ser a melhor posição do mundo, a mais adequada à felicidade humana” (DEFOE, 2011, p. 46).

Tal argumento se embasava no fato de que, de um lado, o homem de “condição média” estaria livre das agruras e dificuldades da “fração mecânica da humanidade” e, de outro, “dos embaraços que o orgulho, o luxo, a ambição e a inveja podem trazer para a camada superior” (DEFOE, 2011, p. 46).

A desobediência de Crusoé a todas essas advertências culmina, assim, em um episódio de punição – o naufrágio –, fazendo coincidir o abandono do lar paterno com um evento típico da narrativa de viagem, nos termos esclarecidos por Luigi Monga (1996, p. 12): “A corollary of Biblical and mythological narratives, travel [...] implies a punishment, in a form of banishment from what used to be one’s home. It’s a form of exile, a separation which requires abandoning a part of oneself in order to rebuild a new, better self”¹⁰. Monga (1996, p. 24) ressalta ainda que, etimologicamente, o termo

¹⁰ “Corolário da narrativa bíblica e mitológica, viajar implica uma punição, vinda em forma de banimento do que costumava ser o lar de alguém. É uma forma de exílio, uma separação que exige o abandono de uma parte de si para reconstruir um novo ‘eu’, e melhor”. [Tradução do autor]

inglês *experience* (“experiência”) está ligado ao termo latino para “perigo”, *periculum*, o qual, a seu turno, é sinônimo de *experimentum*, “experimento, tentativa”: “It’s precisely the personal experience the element that marks indelibly the voyager, as it did Ulysses” [Odisseu]”¹¹.

Desse modo, a trama é repleta de simbolismos rapidamente identificáveis pelo público setecentista, e que pode ser sintetizada como a busca pela sobrevivência em uma ilha inóspita e o domínio gradual dos meios disponíveis. Tudo isso, é claro, por meio de técnicas básicas de produção desenvolvidas com muito engenho, em um ambiente repleto de riscos (como aquele dos empreendedores capitalistas): sua figura coincidia, em última instância, a de um representante do imperialismo britânico.

Após o naufrágio de que é vítima, o protagonista tem de enfrentar uma série de provas morais e físicas, ao mesmo tempo em que desenvolve a espiritualidade e a crença em suas próprias aptidões, até amadurecer suas potencialidades e converter-se finalmente em senhor absoluto daquele território, que imaginava como propriedade sua.

Avaliando com um lance d’olhos o panorama da região inóspita em que foi parar, Crusoé acredita ser o “rei e senhor indisputável daquelas terras, às quais tinha direito de posse” (DEFOE, 2011, p. 160). E mais ainda: “Caso me fosse dado transmiti-las, poderia deixá-las de herança, tão integralmente quanto qualquer senhor e proprietário” (DEFOE, 2011, p. 160). Para firmar-se como tal, ele iria ter de vencer até mesmo a insuspeita presença de canibais em seu território, do qual é finalmente resgatado para depois descobrir que tinha se tornado rico com o fato de suas terras no Brasil terem lhe rendido volumosas somas durante sua ausência.

Conclusão: um arquipélago formado por realidade e idealismo

Em outras palavras, a obra de Defoe (assim como *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*) enfoca diretamente a questão da emancipação do indivíduo e sua preparação para enfrentar a realidade (uma realidade onde questões econômicas são, não raro, determinantes para ele). Não à toa, *Robinson Crusoé* é também a única obra que o protagonista de Jean-Jacques Rousseau em *Emílio ou Da educação* (1762) tem a permissão de ler, por parte de seu tutor, por este ver no livro de Defoe a representação

¹¹ É precisamente a experiência pessoal o elemento que marca indelevelmente o viajante, como fez Ulisses [Odisseu]” [Tradução do autor].

de um indivíduo que se “forma” em um ambiente natural, a salvo da corrupção da sociedade. – Um indivíduo idealizado, em suma.

Desse modo, pode-se perceber que a “ilha de Goethe” de que trata Lukács (2009) não é tão diferente da retratada por Defoe: com aspirações humanistas e implicações capitalistas, ambas têm muito em comum, de modo que, observada de perto, *Robinson Crusoé* – o grande clássico da literatura burguesa para críticos como Moretti (2014, p. 43) – também é, a seu modo, um *Bildungsroman*.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio d'água, 2012, p. 27-50.

CARPEAUX, Otto Maria. **A história concisa da literatura alemã**. São Paulo: Faro Editorial, 2013.

CITATI, Pietro. **Goethe**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COVERLEY, Merlin. **A arte de caminhar: o escritor como caminhante**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoé**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. São Paulo: Editora 34, 2009.

LUKÁCS, Georg. Posfácio. In: GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. São Paulo: Editora 34, 2009.

MANN, Thomas. Goethe como representante da era burguesa. In: _____. **O escritor e sua missão: Goethe, Dostoiévski, Ibsen e outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 69-112.

MAZZARI, Marcus Vinicius. Apresentação. In: GOETHE, Wolfgang von. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. São Paulo: Editora 34, 2009.

MONGA, Luigi (ed.). Travel and travel writing: an historical overview of Hodoeporics. In: _____. (Org.). **Annali d'Italianistica: L'odeporica/hodoeporics: on travel literature**. Vol. 14. Chapel Hill: University of North Carolina, 1996.

MORETTI, Franco. **O burguês: entre a história e a literatura**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.